

IBC-Br aponta queda de 0,56% do PIB em janeiro

Segundo dados do BC, a indústria teve forte baixa no mês

POR GABRIELA VALENTE

18/03/2018 9:30 / atualizado 18/03/2018 17:33



Banco Central do Brasil - Ailton de Freitas / Agência O Globo

BRASÍLIA — Após quatro meses de expansão, a economia brasileira começou 2018 em queda. O índice do **Banco Central** que mede a atividade do país (**IBC-BR**) caiu 0,56% em janeiro. Indústria e setor de serviços foram mal, mesmo assim o resultado geral veio melhor que a previsão dos analistas do mercado financeiro de uma retração de 0,8% no primeiro mês do ano. Nem mesmo esse freio no início do ano tirou a expectativa de que o país crescerá perto de 3% em 2018. A preocupação maior, segundo economistas ouvidos pelo GLOBO, está no cenário internacional e na decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) sobre as prisões após a condenação em 2ª instância que pode interferir nas eleições deste ano.

Para **Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating**, uma reversão das prisões da Lava-Jato no Supremo pode fazer com que o setor produtivo adie investimentos importantes até a disputa eleitoral de outubro. Apesar dessa indefinição, ele aposta num crescimento de 2,8% neste ano porque espera resultados melhores no fim do primeiro trimestre e, principalmente, daí para frente. Diz acreditar que a agricultura garantirá o crescimento nos três primeiros meses e tem expectativas melhores ainda por causa de uma quebra de safra na Argentina, que abre espaço para as exportações brasileiras.

— A indústria ainda não deslanchou e o setor de serviços sente, mas o fôlego vem no segundo trimestre. É como alguém que começa fraco na corrida e acelera quando está mais confiante — explica o analista. — Mantido tudo constante sem cenários internacional e político sem liberação de prisão em segunda instância, a gente tem esse cenário.

Agostini argumenta que janeiro é normalmente um mês fraco. No início de 2018, especificamente, a indústria, que teve forte queda: 2,4%. Um resultado que interrompeu uma série de quatro altas mensais, mas que não muda a perspectiva de crescimento para o ano, na visão dos economistas.

O volume do setor de serviços do Brasil também encolheu mais do que o esperado, fechou o mês com o pior resultado para janeiro em seis anos após um fim de 2017 forte. O faturamento do setor de serviços caiu de 1,9%, de acordo com o IBGE, ao contrário da expectativa de estabilidade que tinham os analistas do mercado financeiro. O resultado, entretanto, não tira a tendência de recuperação.

Na contramão, as vendas no varejo abriram 2018 em alta e inverteram a tendência de queda no fim do ano passado. Em janeiro, houve alta de 0,9% em janeiro. O crescimento foi difundido pela maior parte dos segmentos.

Alberto Ramos, economista-chefe para a América Latina do Goldman Sachs, diz que o dado de janeiro parece ser uma “consolidação” da recente tendência de alta e não um sinal de enfraquecimento da atividade. Ele cita, num comunicado enviado aos clientes, vários pontos positivos da economia como baixa inflação, melhores condições de crédito, recuperação gradual das despesas de investimento privado, recuperação da arrecadação, aumento da confiança dos consumidores e das empresas e a criação formal de emprego. No entanto, o analista faz uma ressalva de que a melhora das contas públicas da União, dos estados e dos municípios é essencial para estimular o mercado.

“Além da execução fiscal responsável, não esperamos ver muito progresso na consolidação fiscal estrutural para o restante da administração atual. Assim, a consolidação fiscal deve estar no topo da agenda política sobre a administração que será eleita em outubro e jurada em 1º de janeiro de 2019”, escreveu o economista.

Nos últimos 12 meses, a economia brasileira mostra um crescimento de 1,2%, de acordo com os dados divulgados nesta segunda-feira pela autarquia. Pela recuperação ainda lenta e inflação cada vez mais baixa, o ex-diretor do BC e economista-chefe do Itaú, Mário Mesquita, aposta em mais uma nova queda dos juros básicos nesta semana. A Selic deve passar de 6,75% ao ano para 6,5% ao ano. Esse deve ser mais um estímulo para a economia ganhar velocidade.

“A recuperação da atividade econômica, o atraso os efeitos da política monetária - o que provavelmente continuará a gerar impulso adicional para a economia - e o equilíbrio dos riscos no cenário internacional - que se tornou menos favorável recentemente devido à perspectiva de aperto monetário adicional nos EUA - também apontam para essa direção”, falou o executivo em comunicado.

ÍNDICE ORIENTA POLÍTICA DE INFLAÇÃO

O IBC-Br foi criado pelo BC para ser uma referência do comportamento da atividade econômica que sirva para orientar a política de controle da inflação pelo Comitê de Política Monetária (Copom), uma vez que o dado oficial do Produto Interno Bruto (PIB) é divulgado pelo IBGE com defasagem em torno de três meses. Tanto o IBC-Br quanto o PIB são indicadores que medem a atividade econômica, mas têm diferenças na metodologia.

O indicador do BC leva em conta trajetória de variáveis consideradas como bons indicadores para o desempenho dos setores da economia (indústria, agropecuária e serviços).

Já o PIB é calculado pelo IBGE a partir da soma dos bens e serviços produzidos na economia. Pelo lado da produção, considera-se a agropecuária, a indústria, os serviços, além dos impostos. Já pelo lado da demanda, são computados dados do consumo das famílias, consumo do governo e investimentos, além de exportações e importações.